

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

**Anatomia artística no Hatti
(Hititas) I**

**Pré-hititas e colónias de
mercadores assírios**

J. A. ESPERANÇA PINA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Anatomia artística no Hatti (Hititas) I

Pré-hititas e colónias de mercadores assírios

J. A. ESPERANÇA PINA¹

OS HITITAS

Os hititas eram citados há umas dezenas de anos em livros de História, como sendo um povo que tinha contactos com os hebreus, sendo esta civilização confirmada graças às descobertas arqueológicas realizadas na Anatólia, através da decifração de centenas de textos gravados em tábuas de argila. O conhecimento da civilização hitita preencheu assim, algumas lacunas existentes na História do Oriente Próximo, tornando-a mais harmónica, mais lógica e mais inteligível, estando os hititas ligados, através da linguagem, à grande família indo-europeia.

GEOGRAFIA DO HATTI

A Anatólia ou Ásia Menor estava limitada a sudoeste pela Síria e pela Mesopotâmia e a noroeste pela Europa. É um grande planalto, com uma altitude compreendida entre 1000 a 1300 metros, com desertos e lagos salgados. A norte é limitada pelas cordilheiras do Ponto e a sul pelas cordilheiras do Tauro. A oeste, o planalto desce suavemente até ao mar Egeu e ao mar da Máfmarara e a leste, funde-se gradualmente com o Azerbaijão. Ao longo da costa encontram-se vales fluviais comunicando com o interior e fácil acessibilidade ao mar. O mais importante rio da região é o rio Halis (Kizil-Imak), que vindo do leste, atravessa a Anatólia, as montanhas do norte, e desagua no Mar Negro. A porção central da Anatólia era muito rica em bosques, pastagens com a criação de cavalos, explorações agrícolas, onde se produzia cevada, vinha e árvores de fruta. As maiores minas eram de ferro.

A Anatólia contrastava com a Alta Síria e a Mesopotâmia, graças à irrigação das suas terras feita pelo rio Eufrates. Esta riqueza de terras explica a razão por que os hititas formaram um império, graças à sua expansão e os levou para os vales onde guerrearam as grandes potências do Próximo Oriente.

A localização da Anatólia entre a Ásia e a Europa tornaram-na uma passagem obrigatória para todos os povos que se deslocavam para estes continentes.

Habitantes do Hatti

É quase impossível traçar um quadro exacto dos grupos étnicos, que há milénios habitaram sucessiva ou simultaneamente a Anatólia.

¹ Membro Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L. Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa da U.C.P. Ex-Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

A população predominante era constituída por povos da Ásia Ocidental, os asiânicos, que não eram semitas. Em 2000 a.C., juntou-se à população asiânica um movimento migratório de povos indo-europeus, que dominaram os habitantes locais, não apenas pela força das armas, mas também pela sabedoria e diplomacia, e assim os tornaram seus súbditos. Deste modo, a união dos invasores com os habitantes locais constituíram os hititas, e formaram o Hatti.

HISTÓRIA POLÍTICA DO HATTI

Os mais antigos testemunhos escritos sobre a Anatólia encontraram-se nos arquivos de mercadores assírios, que criaram uma rede comercial centrada em Kanech, dependente da Assíria. Na Anatólia foram identificados além dos Hititas, os Luvitas e os Hurritas, numerosos principados independentes, em lutas permanentes, que conduziram à destruição de Kanech e da rede comercial assíria, nascendo assim o Hatti.

Reis predecessores

Em várias tabuinhas comerciais encontraram-se mencionados Pithana e seu filho Anitta como senhores de Kussara.

Pithana guerreou com Kanech e conquistou a poderosa cidade dos comerciantes assírios.

Anitta, como rei, alcançou numerosas vitórias que aumentaram o poderio de Kussara. As suas conquistas alcançaram o Mar Negro e o Mediterrâneo, transformando Anitta num poderoso rei, que unificou o Hatti com capital em Kanech.

Reino Hitita

No início de 1600 a.C. Hatti tornou-se no Reino Hitita com capital em Hattusha (actual Bogāzhōy), sendo Labarna I (1680-1650 a.C.), o primeiro rei. Reuniu sob a sua hegemonia o centro da Anatólia e os distritos do sudoeste até ao mar.

Hattusili I (1650-1620 a.C.) aumentou o reino com mais conquistas e invadiu a Síria. O fim do seu reinado deu-se através de intrigas feitas pelos próprios filhos, com a finalidade da conquista do poder.

Mursil I (1620-1590 a.C.) neto de Hattusili I, ampliou e transformou o Reino Hitita com a conquista e destruição de Alepo, uma guerra contra os hurritas e o saque de Babilónia, que foi tomada pelos casitas. No seu regresso de Babilónia, foi assassinado sendo substituído pelo cunhado Hantil que liderou a conspiração contra ele.

Hantil I (1590-1560 a.C.) não conseguiu conservar os territórios do reino, pois foi atacado pelos Hurritas.

Zidanta I (1560-1550 a.C.), Ammuna (1550-1530 a.C.) e Huzzia I (1530-1525 a.C.) foram os reis seguintes que se sucediam no trono, através de intrigas e de assassinatos, tendo havido permanentes incursões de povos bárbaros do norte, os *gasga*, nunca controlados pelos hititas.

Telepinu (1525-1500 a.C.) considerado o último rei do Reino Hitita, também ascendeu ao trono de forma irregular tendo pacificado o território e fortalecido as fronteiras. As intrigas e os assassinatos, com a participação da família real e da aristocracia, constituíam a forma de sucessão ao trono o que deu origem ao estabelecimento de um decreto (*panku*), que regularizava um sistema de sucessão ao

trono. A sucessão estabelecia-se da seguinte forma: em primeiro lugar, o sucessor seria um príncipe da mulher principal do rei; se não houvesse, ocuparia o trono, um príncipe de uma mulher de segunda categoria (infra); na ausência dos candidatos anteriores, o trono seria ocupado pelo marido de uma princesa nascida da mulher principal. Com este decreto passou a manter-se a estabilidade, pelo menos até Hattusili III.

Reino Médio ou Obscuro (1500-1420 a.C.)

Este período da história hitita é muito mal conhecido, com poucos dados, mas com uma forte influência dos hurritas.

Parece ter havido uma dinastia distinta, cujo fundador foi Tahurwaili, a que se seguiram Alluwamna, Hantil II, Zidanta II, Huzzia II e Muwatalli I.

Esta época é a que marca o apogeu de Mitanni em toda a região da Alta Síria, com a completa destruição do Hatti, sendo este recuperado com o fim das campanhas de Tutmosis III.

Império Hitita

Tudhalia I (1420-1400 a.C.) retomou a tradição conquistadora dos reis, recuperou antigas possessões hititas e impôs-se a Alepo e ao reino de Mitanni dos hurritas.

Hattusili II (1400-1390 a.C.), Tudhalia II (1390-1370 a.C.), Arnuwanda I (1370-1355 a.C.) e Tudhalia III (1355-1344 a.C.) sofreram uma série de crises, marcadas pela sublevação de príncipes vassalos e a contínua ameaça dos Ganga, enquanto se desmoronava o prestígio do Hatti, em comparação com o esplendor do reino de Mitanni.

Suppiluliuma I (1344-1322 a.C.) foi o verdadeiro fundador do Império Hitita. O país encontrava-se numa situação calamitosa, com os ataques nas fronteiras norte e este do Hatti. A sua primeira intervenção no exterior foi em Mitanni, onde foi derrotado, a que se sucedeu uma série de campanhas na Ásia Menor com a finalidade de estabelecer bases fortes de apoio ao Hatti. Consolidou o domínio hitita na Anatólia, e estabeleceu em volta do Hatti um conjunto de principados governados por familiares hititas, que, não sendo independentes, têm obrigações militares e tributárias. Na primeira guerra contra a Síria conquistou o norte do país; na segunda invadiu o Mitanni e reafirmou o domínio da Síria e na terceira conquistou a cidade de Karkemich, a única cidade ainda pertencente ao Mitanni, que desapareceu como grande potência. O poder do Hatti era tão preponderante que a viúva de Tutankhamon, a rainha Ankhesenamon, pediu a Suppiluliuma para lhe enviar um dos seus filhos para marido. O rei concordou após algumas hesitações, mas o príncipe não atingiu terras egípcias e foi assassinado pelos partidários do faraó Ai. Suppiluliuma I morreu com a peste, quando se encontrava numa campanha militar, e deixou um grande Império só comparável ao Egito. Foi um rei conquistador e como tal ignorou de certo modo a condução do país pelo que a crise voltou de novo ao Hatti.

Arnuwanda II (1322-1321 a.C.) morreu de peste após um reinado de poucos meses. Mursil II (1321-1295 a.C.) teve de enfrentar revoltas de povos da Anatólia, mas conseguiu manter o poder hitita, sobretudo na Síria ameaçada pelos egípcios.

Muwatalli II (1295-1271 a.C.), após um longo período de paz, durante o qual foram trocados presentes com o faraó e chegou mesmo a projectar uma viagem ao Egito, as boas relações foram interrompidas. Ramsés II pretendia restabelecer o prestígio egípcio na Síria, o que fez com que o imperador hitita

organizasse uma coligação de povos asiáticos contra o faraó. Os adversários encontraram-se na batalha de Kadesh, uma das mais famosas batalhas da História do Próximo Oriente, cujos resultados permanecem pouco conclusivos. Alguns atribuem a vitória aos hititas, outros falam do triunfo egípcio. Nas paredes do Ramesseum, do templo de Karnak e do templo de Luxor encontra-se a descrição dessa luta como tendo terminado com a vitória dos egípcios.

Mursil III (Urchi-Techub) (1271-1264 a.C.) subiu ao trono de acordo com a lei de Telepinu, pois era filho de uma concubina do imperador.

Hattusili III (1264-1239 a.C.) estabeleceu uma intensa actividade diplomática com a finalidade de alcançar a paz com todas as grandes potências da época e deixou um Império pacificado. Estreitou o entendimento com a dinastia cassita da Babilónia e estabeleceu a paz com o Egipto, firmando uma aliança com um casamento real. Não resolveu o problema dos Assírios, os quais eliminaram o Mitammi e fixaram no rio Eufrates a fronteira com o Hatti. O tratado de Kadesh que foi estabelecido entre Hattusili III e Ramsés II, permitiu aos povos do Próximo Oriente beneficiar de uma paz de dezassete anos, um longo período da História da Antiguidade.

Tudhalia IV (1239-1209 a.C.) foi o último dos grandes Imperadores do Hatti. Conquistou a ilha de Chipre, pois foi a primeira vez que os Hititas realizaram uma empresa marítima. Dedicou-se a fundações religiosas e a iniciativas históricas e culturais, com a restauração da biblioteca de Hattusha.

Arnuwanda III (1209-1205 a.C.) passou despercebido.

Suppiluliuma II (1205-1178 a.C.?) foi o último Imperador dos Hititas, passando pela fome e a destruição de Hattusha pelo fogo. Foram os povos do mar, um conjunto de povos que migravam pelo mar com o destino do Egipto, os obreiros desta destruição.

Uma cópia do tratado de Kadesh, entre Hattusili III e Ramsés II, do XIII século a.C., proveniente de Hattusha (actual Boğazhöy), encontra-se no Museu Arqueológico, em Istambul, constituindo um fragmento de uma tábua em argila, com 46 linhas, sendo o primeiro tratado político da história escrito em caracteres cuneiformes acadianos, a língua diplomática da época.

Reinos Neo-Hititas

Após a terminação do Hatti o que restou da sua cultura sobreviveu no sudoeste do antigo império e no norte da Síria, constituindo os reinos neo-hititas. No sudoeste do antigo império situaram-se os reinos de Milid, Tuwana, Hupisna e Gurgum; ao norte da Síria situaram-se os reinos de Karkemich, Alepo, Arpad, Hamat, Simjirli e Til-Barsip. Estes pequenos reinos aspiravam ao desenvolvimento e à supremacia, sendo mais conhecido, o reino de Karkemich, que foi conquistado pela Assíria.

ARTE HITITA

A comparação da arte do Reino e do Império Hitita, entre 1600 e 1200 a.C., com as civilizações vizinhas é decepcionante. Nesta época, no Egipto, os túmulos do Império Novo eram notórios pelas suas decorações e pinturas, bem como os sumptuosos monumentos com os baixos-relevos e as suas inigualáveis riquezas, como ficou patente no túmulo de Tutankhamon e no mundo Egeu, os palácios micénicos eram ornados de frescos. As realizações artísticas demonstraram pouca imaginação e requinte, mostrando uma força imperfeita e rude, características da arquitectura, da escultura e da cerâmica.

ARTE PRÉ-HITITA (8000 A 2000 A.C.)

A arte pré-hitita pode ser distribuída em três períodos: o neolítico ou idade da pedra lascada, entre 8000 e 5500 a.C.; o calcolítico ou idade do cobre, entre 5500 e 3000 a.C. e a idade do bronze antigo, entre 3000 e 2000 a.C.

ARTE NEOLÍTICA OU DA IDADE DA PEDRA POLIDA (8000 – 5500 A.C.)

Em 1961 começaram os trabalhos de escavação em Çatalhöyük, a 52 km de Konya, com 13 hectares de superfície, tendo-se reconhecido a existência de um dos maiores “habitats” neolíticos do Próximo Oriente, que a datação do carbono situou entre 6500 e 5650 a.C. As habitações estavam amontoadas e apertadas umas contra as outras, assentando em adobe por não existirem fundações em pedra. A maioria das paredes das divisões eram lisas, enquanto outras tinham pinturas representando sobretudo animais e cenas de caça. Os mortos rodeados de oferendas eram inumados por baixo do soalho das casas. As representações traduzem-se por deusas-mães parindo sentadas num trono, em terracota, que poderão sugerir a existência do culto da fecundidade, numerosas jóias, vasos e punhais.

Hacilar foi outro importante centro neolítico encontrado a 25 km de Burdur. As casas, maiores do que as casas de Çatalhöyük, eram construídas em adobe assente em fundações de pedra, sendo os mortos inumados fora da cidade. Em quase todas as casas encontravam-se deusas-mães, sentadas ou deitadas ou outras deusas em cerâmica com os recipientes em forma de animal, com coloração acastanhada ou avermelhada.

Pintura mural

As paredes das divisões das casas tinham pinturas murais representando animais e cenas de caça.

A pintura, de 6000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa a caça ao veado.

A pintura, de 6000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa a caça ao touro.

A pintura, de 6000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa a caça ao veado com o caçador revestido com pele de leopardo.

Estatuetas

As deusas-mães, em terracota, de 6000 a.C., proveniente de Hacilar, encontram-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, representam quatro estatuetas: uma sentada no chão, uma em decúbito ventral, uma em decúbito lateral esquerdo e outra sentada.

A deusa-mãe, em terracota, de 6000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, representa uma estatueta em decúbito lateral direito, em posição de repouso e dormitando.

A deusa-mãe, em terracota, de 6000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, representa uma estatueta sentada, muito gorda, disforme mas proporcionada e atenta.

A deusa-mãe, em terracota, de 5000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, em terracota, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma estatueta parindo, sentada num trono, cujos braços representam dois leões.

A deusa-mãe, em terracota, de 5000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma estatueta acéfala, sentada no chão, muito opulenta e adiposa preparando-se para parir.

A deusa, em pedra negra, de 5500 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma estatueta sentada, com os braços cruzados no peito, em profunda meditação.

A deusa, em terracota, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma deusa de pé, muito corpulenta, disforme e desproporcionada.

As deusas gémeas, em mármore, de 5500 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontram-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma estatueta de cujo corpo se destacam duas cabeças.

Objectos de adorno

Em Çatalhöyük foram encontradas numerosas jóias, espelhos em obsidiana e objectos utilizados na maquilhagem e no adorno das mulheres.

As jóias, de 5500 a.C., provenientes de Çatalhöyük, encontram-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, representam colares constituídos por pedras semipreciosas de diferentes cores, formas e tamanhos, muito semelhantes à moderna bijutaria.

O espelho, de 5500 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, é feito em obsidiana e destina-se ao arranjo pessoal.

Os objectos de adorno, de 6000 a.C., provenientes de Çatalhöyük, encontram-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representam utensílios destinados a maquilhagem.

Recipientes

O recipiente, em terracota pintada, de 6000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso com duas pegas apoiado em três pés.

O recipiente, em terracota pintada, de 6000 a.C., proveniente de Çatalhöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um pote apoiado em quatro pés.

O recipiente, em terracota pintada, de 6000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso em forma de veado acorçado com abertura no dorso.

O recipiente, em terracota pintada, de 6000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso com a forma de cabeça humana.

ARTE CALCOLÍTICA OU DA IDADE DO COBRE (5500 – 3000 A.C.)

O calcolítico ou Idade do Cobre caracterizou-se pelo início da utilização do cobre, em substituição da pedra, sendo em Hacilar o mais evoluído centro calcolítico na Anatólia. A marca mais significativa de

Hacilar foi a utilização da cerâmica pintada e muito decorada, com tonalidades castanho-avermelhadas em fundo creme ou amarelo-rosadas, tratando-se de vasos, potes, bilhas, jarros e taças ovais. Os objectos em pedra e em osso rarearam e poucos objectos em cobre foram descobertos.

Canhasam constitui outro centro calcolítico, caracterizado por cerâmica com recipientes de composição geométrica, monocromática, ou decorada com motivos vermelhos, amarelos ou negros. Entre os objectos de cobre encontrou-se uma bracelete, uma cabeça de clava e um ceptro.

Estatueta

A estatueta, em terracota pintada, de 4500 a.C., proveniente de Canhasan, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara e representa uma estatueta feminina sentada, com as mãos sobre os joelhos, o tronco muito estreito com os seios pouco desenvolvidos e a face mal definida.

Recipientes em cerâmica

O recipiente, em terracota pintada, de 4000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso cilíndrico com duas asas, pintado com linhas quebradas em angulo obtuso, centradas por um losango.

O recipiente, em terracota pintada, de 4000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso cilíndrico com duas asas, pintado com linhas circulares paralelas e figuras losângicas.

O recipiente, em terracota pintada, de 4000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso cilíndrico pintado com linhas quebradas paralelas, centradas por uma figura lorângica, com coloração acastanhada.

O recipiente, em terracota pintada, de 4000 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com uma espécie de cruz suástica.

O recipiente, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, em terracota pintada, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com duas figuras simétricas.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com uma figura circular semelhante a uma mão.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com uma figura de contornos geométricos.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com duas áreas centrais triangulares lateralizadas por linhas circulares paralelas.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com diversas figuras geométricas.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Hacilar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado no centro com seis figuras simetricamente dispostas, linhas paralelas adjacentes às asas e linhas curvilíneas no gargalo.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Canhasan, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com uma composição geométrica simples e coloração acastanhada e negra.

O recipiente, em terracota pintada, de 5500 a.C., proveniente de Canhasan, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso decorado com uma complexa composição geométrica, com predomínio de coloração negra.

IDADE DO BRONZE ANTIGO (3000 – 2000 A.C.)

Os anatólios reuniram o cobre com o estanho, para obter o bronze e fazer armas, recipientes, jóias ou outros objectos decorativos, tendo sido também utilizado o cobre, o ouro, a prata, e o electro, mistura de ouro e prata.

Em 1935 foram descobertos treze túmulos na meseta de Alacahöyük, o que evidencia o aparecimento das artes plásticas na Anatólia. Os túmulos de Alacahöyük são fossas rectangulares, cobertos por pranchões dispostos horizontalmente suportados por uma camada de terra. Cada túmulo continha um corpo ou os corpos do casal. Superiormente aos pranchões encontraram-se crânios de bois dispostos aos pares com as patas anteriores e posteriores, provavelmente o resultado de sacrifícios. Foram encontradas numerosas oferendas funerárias em bronze, ouro, prata e electro e também em âmbar, ágata, cristal de rocha, ferro e terracota.

A qualidade e a quantidade dos objectos encontrados, indicam que na Anatólia da Idade do Bronze Antigo não se satisfizeram em preparar apenas a sua alimentação, mas ocuparam-se também da arte e da meteorologia, tendo sido feitas descobertas em Alacahöyük, Horoztepe, Mahmatlar e Hasanoglan.

Recipientes

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso bojudo com seis pérolas de cornalina.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma chávena semelhante à dos nossos dias.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma taça ricamente adornada com relevos elipsoidais, unidos por prolongamentos a um ovóide situado no centro da taça.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso ricamente adornado com relevos, com uma abertura em goteira e uma grande ansa situada lateralmente.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso com uma ansa, e prolongado por uma goteira, sendo sumptuosamente embelezado com traçados em relevo.

O recipiente, em ouro, da 2.^a metade de 2500 a.C., proveniente de Mahmatlar, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um jarro com pega e bico, ornado de caneluras dispostas em cinco bandas com decorações geométricas variáveis.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso bojudo com pega e bico, ornado de caneluras, com decorações geométricas sobrepostas em V.

O recipiente, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um cálice com pé alto, ornado de caneluras dispostas em espiral e com um discreto bico.

O recipiente, em terracota, de 2500 a.C. proveniente de Karataş-Semayük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um pote com duas pegas representando uma figura humana.

O recipiente, em terracota, de 3000 a.C. proveniente de um local próximo de Ancara e não resultando de escavações, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um conjunto de quatro taças ligadas entre si pelas pegas.

Objectos decorativos

O diadema, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e tem a forma de um círculo de quatro bandas, com aberturas quadradas e barras cruzadas na diagonal.

A coroa, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um diadema constituído por um círculo constituída por segmentos em x, cujas extremidades estão unidas por um fecho continuado por quatro fitas.

O colar, em ouro e pedras preciosas, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, é um colar restaurado, com pedras semipreciosas e oito medalhas em ouro adornadas com pequenas semi-esferas em forma de cruz.

A bracelete, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é formada por uma complexa malha entrelaçada.

O alfinete, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta a cabeça constituída por lâminas semicirculares.

O colar e alfinetes, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e trata-se de um colar com contas esféricas e dois alfinetes, um com a cabeça espiralada e outro com uma cabeça muito requintada.

A fivela de um cinto, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é constituída por dois círculos unidos, decorados com semi-esferas, e tem em cada um, uma cruz unindo uma circunferência situada perifericamente.

O fragmento de cinto, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é ornamentado com dois enfeites circulares, separados por três fileiras de pequenas semi-esferas.

A peça decorativa, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um bode com a cabeça e o pescoço com cinco enfeites circulares.

Insígnias

As insígnias são representações diversas, sendo mais frequentes as que têm a forma de disco.

A insígnia, em bronze, de 2000 a.C., proveniente de Horoztepe, encontra-se no Museu de Pergamo, em Berlim, apresenta-se encimada por um cavalo.

A insígnia, em bronze, de 2100 a.C., proveniente de Horoztepe, encontra-se no Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, e é encimada por uma ave e lateralizada por pequenos chifres de touro.

A insígnia, em bronze, de 3000 a.C., proveniente de Horoztepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um sistro, antigo instrumento musical, envolvido por dez de canídeos.

A insígnia, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta-se como um losango com dezoito cruces suásticas.

A insígnia, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta a forma de um disco solar com aves, flores e berloques.

A insígnia, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta a forma de um disco com raios, contendo um cabrito-montês ou um onagro.

A insígnia, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta a forma de um hemi-disco, contendo um veado ladeado por dois touros.

A insígnia, em ouro e prata, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta a forma de um hemi-disco, contendo um cervídeo ladeado por duas panteras.

Estatuetas zoopestres

As pesadas figurinhas de veados, touros e cavalos têm apenas um significado cultural.

O veado, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, em bronze e apresenta a convergência das quatro patas de forma a adaptar-se à estreita base. A cabeça, os chifres, e as incrustações circulares do corpo são em prata.

O veado, de 2500 a.C., em bronze, proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, tem os chifres muito desenvolvidos e com numerosas ramificações encurvadas.

O touro, em bronze, de 2500 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e tem os chifres encurvados em forma de lira.

O cavalo, em bronze, de 2000 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, e tem as patas anteriores sobre os ombros de uma figura masculina.

Estatuetas

As pequenas estatuetas antropomórficas em bronze, prata ou ouro cuidadosamente modeladas têm os seios extremamente pequenos.

A estatueta, em bronze, de 2200 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma mulher de pé, calçada e com seios pequenos.

A estatueta, em bronze, de 2200 a.C., proveniente de Alacahöyük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma mulher de pé, calçada, com seios pequenos e segurando uma bilha com as mãos.

A estatueta, em prata e ouro, de 2100 a.C., proveniente de Hasanoglan, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma mulher de pé com os olhos fechados e seios pequenos, segurando nas mãos um objecto contra o abdómen.

A estatueta, em bronze, de 2000 a.C., proveniente de Horoztepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma mulher com os membros inferiores muito desenvolvidos, em contraste com o tronco delgado, e com grandes orelhas, segurando nas mãos contra o peito uma criança que amamenta.

O ídolo, em terracota, de 2000 a.C., proveniente de Kalinkaya, não resultando de escavações, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma mulher com os olhos, nariz, fenda oral, umbigo e seios marcados.

O ídolo, em terracota, de 2500 a.C., proveniente de Etiyokuşu, não resultando de escavações, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e tem forma de mulher, com os olhos e os seios pouco marcados.

Os ídolos, em alabastro, de 3000 a.C., provenientes de Beycesultan e Kültepe, não resultando de escavações, encontram-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e têm um *ídolo* central com duas cabeças e um corpo esferóide.

O ídolo duplo, em ouro, de 2500 a.C., proveniente de Alcachöyüük, não resultando de escavações, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa a ligação de dois *ídolos*.

ARTE DAS COLÓNIAS DE MERCADORES ASSÍRIOS (1950 – 1750 A.C.)

O período das colónias dos mercadores assírios origina na Anatólia o início da História, pela utilização da escrita. Os mercadores conhecedores da riqueza do Hatti passaram a negociar com eles, e deste modo foi importada a sua língua, a sua escrita cuneiforme e os seus selos-cilindros. Os mercadores instalaram-se fora das muralhas das cidades anatólianas, constituindo os “karum”, e viviam num bom entendimento com a população local, como foi demonstrado nas tabuinhas cuneiformes encontradas e nalgumas tabuinhas estavam mencionados os reis Pithana e seu filho Anitta, como os Reis predecessores dos hititas.

A arte das colónias de mercadores assírios de 1950 a 1750 a.C., traduziu-se em selos-cilíndricos, vasos, “rhytons” e estatuetas.

Selos-cilindros

O selo-cilíndro, em terracota, do século XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e apresenta numerosos caracteres cuneiformes e figurinhas humanas e de animais.

O selo-cilíndro, em terracota, do século XVIII a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa dois deuses com chifres diante de um altar de oferendas, ambos rodeados por caracteres cuneiformes.

Recipientes

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso em forma de torre, encimada por uma águia e a torre decorada com quatro carneiros.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso em forma de torre, encimado por um touro com um carneiro e a torre decorada com quatro carneiros.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso duplo antropomorfo, com dois corpos ligados por uma ansa.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso do tipo chaleira assente num tripé.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma taça decorada com pássaros, e em cujo bordo estão moldados quatro felinos.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX a.C., proveniente de Acemhöyüük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso com duas asas, cuja abertura apresenta um cone em posição central.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX a.C., proveniente de Acemhöyüük, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso em forma de taça cônica, com numerosas figuras geométricas.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII século a.C. proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso bojudo com pega e bico, ornado com motivos geométricos.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII século a.C. proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso bojudo com pega e bico.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII século a.C. proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso bojudo com pega e bico em cabeça de carneiro.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII século a.C. proveniente de Beycesultan, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso em forma de galináceo com ansa e cauda.

O recipiente, em terracota pintada, do XVIII século a.C. proveniente de Kultepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso com a tampa perfurada com buracos circulares e um bico triplo.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma bilha, com longo bico e ansa constituída por uma estatueta masculina entre dois cavalos.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é uma jarra adornada com o rosto de um homem barbudo e ainda com seis cornos de touro em relevo.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso adornado com uma cabeça de touro contendo três ansas.

O recipiente, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e é um vaso em forma de caracol decorado com figuras geométricas.

Vasos rituais ou “Rhytons”

O “rhyton”, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, e representa um vaso de libação em forma de leão, com a boca muito aberta e abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de leão, com a boca muito aberta mostrando os dentes e abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de quadrúpede, com abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do XIX século a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de felino, com abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de porco-montês, com abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, e representa um vaso de libação em forma de animal acorçado, com abertura cilindróide no dorso.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de leão acorçado, com abertura cilindróide.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de pássaro, com abertura cilindróide.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de pássaro, com abertura cilindróide.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de cabeça de cavalo.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de cabeça de águia.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Bagazhöy, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de cabeça de coelho.

O “rhyton”, em terracota pintada, do século XIX a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa um vaso de libação em forma de barco com o seu remador e tem o gargalo com forma de cabeça de carneiro.

Estatuetas

A estatueta de uma esfinge, em marfim, do século XVIII a.C., proveniente de Acemhöyük, encontra-se no Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, e representa uma esfinge.

A estatueta masculina, em marfim, do século XVIII a.C., proveniente de Acemhöyük, encontra-se no Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, e representa uma esfinge com os membros inferiores fragmentados.

A estatueta de uma deusa, em marfim, de 1800 a.C., proveniente de Kültepe, encontra-se no Museu das Civilizações da Anatólia, em Ancara, e representa uma deusa sentada, talvez uma deusa da fecundidade, com as mãos sustentando os seios, o monte do púbis muito bem marcado, os membros inferiores muito desenvolvidos, em comparação com os membros superiores.

A estatueta masculina, em marfim, 1700 a.C., proveniente de Alaca-Höyük, encontra-se no Museu Arqueológico, em Ancara, e representa um homem acorçado, com o membro superior direito estendido e o cotovelo esquerdo flectido com a mão sobre o ombro esquerdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akurgal, Ekrem – Civilisations et sites antiques de Yurquie. Türk Tarih Kürumu Basumevi, Ankara, 1986.
- Blaásquez, José Maria; Martínez-Pinna; Presedo, Francisco; Melero, Melero, Raquel Lopez e Alvar, Jaime – *Historia de Oriente Antigo*. Ediciones Cátedra, Madrid, 1992.
- Bernabé, Alberto e Alvarez-Pedrosa, António – *Historia y Leyes de los Hititas – Textos del Império Antigo*. Ediciones Akal, Madrid, 2000.
- Bitel, Kurt – *Les Hittites*. Éditions Gallimard, 1976.
- Fernández, Pedro Sáez – *Historia del Mundo Antigo, Oriente, Los Hittas*. Ediciones Akal, S.A., 1988.
- Frankfort, Henri – *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. Penguin Books, 1988.
- Guerney, O. R. – *The Hittites*. Penguin Books, 1990.
- Lloyd, Seton – *Povos Antigos da Anatólia*. Biblioteca das Civilizações Primitivas, Editorial Verbo, Lisboa, 1967.
- Macqueen, J.G. – *Les Hittites. Aux origines de la Turquie*. Collection Civilisations. Armand Colin Editeur, Paris, 1985.
- Macqueen, J. G. – *Hittites and their Contemporaries in Asia Minor*. Thames and Hudson, London, 1986.
- Nobre, José e Noro, João – *Arqueologia*, volume 3. Editorial Planeta de Agostini, 1987.
- Olague-Feliu, Fernando de – *Historia del Arte del Proximo Oriente*. Editorial Planeta, 1994.
- Pasinli, Alpay – *Les Musees Archeologiques d'Istanbul*. A Turizm Yayinlari Ltd. Sti, Istanbul, 1989.
- Peinado, Frederico Lara e Zoilo, Joaquín Córdoba – *Historia del Arte*, 6, El Mediterraneo Oriental, Historia 16, 1989.
- Pijoán, José – *Summa Artis, Historia General del Arte*, volume II, Arte del Asia Occidental, Hititia. Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1981.
- Ramírez, Juan António – *Historia del Arte. El mundo antigo*. Alianza Editorial, Madrid, 1996.
- Solar, David e Villalba, Javier – *História da Humanidade. O Egipto e as Antigas Civilizações*. Círculo dos Leitores, 2007.
- Soveral, Augusto – *História da Arte*, volume I, As primeiras Civilizações. Editorial Planeta de Agostini, 1996.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 3 DE FEVEREIRO DE 2011)